

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ
CURSO DE PEDAGOGIA**

JANNE NEWLLE ARAÚJO GARCIA

**ÍNDICE DE DOCENTES, POR GÊNERO, NOS CURSOS DE LICENCIATURA
DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA REGIÃO TOCANTINA: UMA ANÁLISE
COMPARATIVA**

**Imperatriz
2023.1**

JANNE NEWLLE ARAÚJO GARCIA

**ÍNDICE DE DOCENTES, POR GÊNERO, NOS CURSOS DE LICENCIATURA
DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA REGIÃO TOCANTINA: UMA ANÁLISE
COMPARATIVA**

Monografia apresentada ao Centro de Ciências
de Imperatriz da Universidade Federal do
Maranhão (CCIM/UFMA), para obtenção de
grau. Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Jónata Ferreira de Moura.

Imperatriz
2023.1

JANNE NEWLLE ARAÚJO GARCIA

**ÍNDICE DE DOCENTES, POR GÊNERO, NOS CURSOS DE LICENCIATURA
DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA REGIÃO TOCANTINA: UMA ANÁLISE
COMPARATIVA**

Monografia apresentada ao Centro de Ciências
de Imperatriz da Universidade Federal do
Maranhão (CCIM/UFMA), para obtenção de
grau. Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Jónata Ferreira de Moura.

Aprovado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Jónata Ferreira de Moura (Orientador)

Profa. Ma. Patrícia Alves Silva (1ª Examinadora)

Prof. Dr^a. Francisca Melo Agapito (2º Examinadora)

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Garcia, Janne Newlle Araújo.

Índice de docentes, por gênero, nos cursos de licenciatura da Universidade Estadual da Região Tocantina: uma análise comparativa / Janne Newlle Araújo Garcia. - 2023.

38 f.

Orientador(a): Jónata Ferreira de Moura.

Monografia (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Maranhão, --- Imperatriz ---, 2023.

1. Magistério Superior. 2. Relações de gênero. 3. Revolução Industrial. I. Moura, Jónata Ferreira de. II. Título.

Dedico esse trabalho a minha mãe,
marido, filhos, amigos, professores e
todos aqueles que contribuíram para
a minha construção educacional.

AGRADECIMENTOS

A entidade superior, meu Deus, pelo amparo e estímulo constante para meu crescimento espiritual e intelectual.

À minha família agradeço com emoção, meu esposo Bruno, aos meus filhos Ayron e Brunna, de 10 e 16 anos, por compreender a minha ausência e falar “tudo vai dar certo, mamãe”, à minha maior incentivadora para estudar, meu exemplo de vida, companheira e amiga, minha querida mãe, Júlia.

Ao meu pai, José Carlos (em memória), muitas vezes ficou acordado até tarde comigo, contando quando era pequeno e acompanhava sua tia que dava aula.

Aos meus irmãos que também gostam de estudar e me incentivam muito.

Ao meu orientador prof. Dr. Jónata Ferreira de Moura, que se disponibilizou, orientou, escutou, compartilhou saberes. Tornando esse momento possível. Gratidão eterna por você se disponibilizar para que eu pudesse defender a monografia em poucos dias.

Agradeço a todos os professores por me proporcionar o conhecimento não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo de formação profissional, por tanto que se dedicaram a mim, não somente por terem me ensinado, mas por terem me feito aprender. A palavra mestre, nunca fará justiça aos professores dedicados aos quais sem nominar terão os meus eternos agradecimentos.

Por fim, agradeço aos professores que me acompanharam ao longo do curso e que, com empenho, se dedicam à arte de ensinar.

“O ser humano é aquilo que a educação faz dele”.

Immanuel Kant

RESUMO

O tema deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é o gênero na docência de cursos de licenciatura. A questão de pesquisa é: Qual o índice de professores e de professoras nos cursos de licenciaturas da Universidade Estadual da Região Tocantina (UEMASUL) do *campus* de Imperatriz? Os objetivos são: 1. Apresentar o cenário histórico da inserção da mulher no magistério, a partir da Revolução Industrial; 2. Analisar o índice de docentes, por gênero, nos cursos de licenciaturas da Universidade Estadual da Região Tocantina (UEMASUL) do *campus* de Imperatriz; 3. Levantar indícios sobre o motivo do percentual encontrado de docentes, por gênero, nos cursos de licenciaturas da Universidade Estadual da Região Tocantina (UEMASUL) do *campus* de Imperatriz. A pesquisa é do tipo exploratória e de abordagem qualitativa, em que se realizou um levantamento no quadro de docente efetivos e contratados dos cursos de licenciaturas da UEMASUL do *campus* de Imperatriz, pois é essa universidade que mais oferece os referidos cursos, abrangendo a região do sul e sudoeste do maranhão. Os cursos consultados foram Física, Geografia, História, Letras, Matemática, Pedagogia e Química, no período de novembro de 2019 à novembro de 2022. A investigação mostra que a Revolução Industrial impactou fortemente na substituição do trabalho artesanal pelo assalariado e com o uso das máquinas, alterando a formação e atuação de docentes homens e sua permanência na profissão. Houve o aumento da evasão do homem do magistério, impulsionando a inserção das mulheres na profissão docente, mesmo com *status* completamente diferente dos homens que exerciam a docência. A docência foi ficando ainda mais desvalorizada. No ensino superior os cursos que possuem uma quantidade expressiva de professoras são, Letras e Pedagogia, já os cursos Física, Matemática e Química possuem o maior índice de docentes homens. Na área de Ciências Humanas o único curso que a maioria de docentes não são mulheres é História.

Palavras-chave: Revolução Industrial. Relações de Gênero. Magistério Superior. Feminização.

ABSTRACT

The title of this conclusion work is the gender in teaching profession courses. The subject of the research is: what is the rate of male and female teachers in graduation degree of the Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL)? The purposes are: 1. Present the historical setting of the women insertion in teaching courses from the industrial revolution; 2. Analyze by gender the rate of the teachers in the graduation courses of the UEMASUL, campus Imperatriz; 3. Raise hints of the percentage found by gender in teaching courses of the UEMASUL. This exploratory research contains a qualitative approach through the rate collection of the teaching staff including effective and temporary professors of the teaching courses of UEMASUL since this is the University which most offers the mentioned courses covering the south and southwest region of the state of Maranhão. The investigated courses are Physics, Geography, History, Letras, Math, Pedagogy and Chemistry during the period of two years (from November 2019 to November 2022). This investigation shows the strong impact of the industrial revolution in the substitution of the handcraft work to the paid labor through the usage of the machines, modifying the formation and actuation of the male teacher and their professional continuance. Consequently, the increase in evasion of men in magistry promoted the insertion of the women in this teaching profession even with a completely different status as the profession became depreciated. In higher education, the courses containing an expressive quantity of women are Letras and Pedagogy. Math, Physics and Chemistry contain higher rate of male professors. In human sciences, History is the only course not containing women as most of its professors.

Keywords: Industrial Revolution. Gender Relations. Higher Magistry. Feminization.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 HISTÓRICO DA PROFISSÃO DOCENTE NO BRASIL A PARTIR DA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL.....	14
1.1 O impacto da revolução industrial para a profissão docente.....	15
1.2 Questões de gênero para a profissão docente brasileira.....	19
2 A COMPOSIÇÃO DO QUADRO DE DOCENTES, POR GÊNERO, DOS CURSOS DE LICENCIATURA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA REGIÃO TOCANTINA (UEMASUL).....	23
2.1 A Universidade Estadual da Região Tocantina (UEMASUL) e seus meandros.....	23
2.2 Gênero e docência: a composição do quadro de docentes dos cursos de licenciaturas da UEMASUL.....	27
CONCLUSÃO.....	33
REFERÊNCIAS.....	35
ANEXO A.....	37

INTRODUÇÃO

O tema deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é o gênero na docência de cursos de licenciatura. Antes de apresentarmos esta temática com maiores detalhes, é necessário mostrar que as matrículas de mulheres nos cursos de formação docente continuam avançando e ocupando mais vagas. Segundo o Censo da Educação Superior de 2021, “63,5% das matrículas de cursos de licenciatura estão nas universidades e 72,5% dos alunos matriculados são mulheres”. (BRASIL, 2022, p. 23), e ainda, o curso em que há mais matrículas é o de pedagogia.

Quando olhamos o cenário de docentes que atuam nos cursos de nível superior, o Censo da Educação Superior de 2021 apresenta vários dados, como: o número de docentes na educação superior, por categoria administrativa, ou seja, quantos trabalham na rede pública e quantos trabalham na rede privada; o percentual de participação de docentes na educação superior, por categoria administrativa, segundo o regime de trabalho, ou seja, se em tempo integral ou não; o percentual de docentes na educação superior, por categoria administrativa, segundo o grau de formação, ou seja, quantos possuem somente especialização, ou pararam no mestrado ou possuem o doutorado; o percentual e número de docentes na educação superior, por grau de formação e regime de trabalho, segundo a organização acadêmica; o percentual e número de docentes na educação superior, por grau de formação e regime de trabalho, segundo o grau acadêmico, nesse caso “os cursos de licenciatura têm o maior percentual (76,9%) de docentes com o regime de trabalho em tempo integral” (Brasil, 2022, p. 30); e o percentual dos docentes em cursos de graduação, por modalidade de ensino, segundo o grau de formação. Contudo, não há nada sobre o percentual de docentes em cursos de graduação, segundo o gênero.

Se nos voltarmos aos Anuários Brasileiro da Educação Básica de 2010 até 2019, há a indicação do percentual do número de professores por gênero, como pode ser visualizado a seguir:

Professores na Educação Básica por etapa e gênero (2009-2014)

2009	Total	Masculino	Feminino	2010	Total	Masculino	Feminino
Educação Básica	1.977.978	365.395	1.612.583	Educação Básica	2.005.734	380.314	1.625.420
Educação Infantil	369.698	11.284	358.414	Educação Infantil	381.471	10.909	370.562
EF – Anos Iniciais	721.513	66.416	655.097	EF – Anos Iniciais	717.295	66.907	650.388
EF – Anos Finais	783.194	207.942	575.252	EF – Anos Finais	795.155	216.703	578.452
Ensino Médio	461.542	165.784	295.758	Ensino Médio	477.273	176.237	301.036

2011	Total	Masculino	Feminino	2012	Total	Masculino	Feminino
Educação Básica	2.045.351	395.228	1.650.123	Educação Básica	2.101.408	411.546	1.689.862
Educação Infantil	408.739	11.897	396.842	Educação Infantil	443.405	13.516	429.889
EF – Anos Iniciais	724.542	69.606	654.936	EF – Anos Iniciais	734.043	72.788	661.255
EF – Anos Finais	793.891	222.421	571.470	EF – Anos Finais	801.763	229.694	572.069
Ensino Médio	488.528	183.973	304.555	Ensino Médio	497.797	190.080	307.717

2013	Total	Masculino	Feminino	2014	Total	Masculino	Feminino
Educação Básica	2.148.023	423.370	1.724.653	Educação Básica	2.190.743	436.873	1.753.870
Educação Infantil	474.591	14.596	459.995	Educação Infantil	498.785	15.703	483.082
EF – Anos Iniciais	736.895	73.573	663.322	EF – Anos Iniciais	745.650	75.726	669.924
EF – Anos Finais	799.873	232.583	567.290	EF – Anos Finais	794.004	234.965	559.039
Ensino Médio	509.403	196.177	313.226	Ensino Médio	524.315	203.138	321.177

Fonte: Anuário Brasileiro da Educação Básica (2014)

Nesses seis anos, na educação básica, há quatro vezes mais profissionais do gênero feminino que do gênero masculino; nas primeiras etapas da trajetória escolar, essa diferença é maior. Vamos ver com ficou em 2015:

Professores na Educação Básica por etapa e gênero em 2015

2015	Total	Masculino	Feminino
Educação Básica	2.187.154	435.965	1.751.189
Educação Infantil	518.308	16.655	501.653
EF – Anos Iniciais	758.840	79.567	679.273
EF – Anos Finais	786.140	234.438	551.702
Ensino Médio	522.826	204.095	318.731

Fonte: Anuário Brasileiro da Educação Básica (2017)

Percebemos que houve uma leve diminuição do número de mulheres exercendo a docência na educação básica brasileira em 2015 em relação ao ano de 2014. Contudo, houve aumento no número de mulheres exercendo o

magistério na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, o que também aconteceu com o percentual de professores homens.

O último registro que se tem notícia sobre docentes na educação básica por etapa e gênero, data de 2018, como podemos visualizar a seguir:



Fonte: Anuário Brasileiro da Educação Básica (2019)

Não há registros de 2016 e nem de 2017; tampouco de 2019, 2020 e 2021, pois os Anuários Brasileiro da Educação Básica desses respectivos anos não apresentam dados sobre esta temática. Mas será que os registros acima podem ser transplantados para o ensino superior? Podemos fazer alguma analogia entre esses dados com algum cenário imaginado para o ensino superior?

Como não temos dados oficiais de docentes no ensino superior por cursos (licenciaturas ou bacharelados) e gênero, o que circula no imaginário popular é que em grande parte das licenciaturas há mais professoras do que professores, e nos cursos de bacharelados há mais professores do que professoras. Mas será que isso se confirma?

Pelas dúvidas que pairam e pelo desejo de saber mais sobre o tema em estudo, a questão de pesquisa é: Qual o índice de professores e de professoras nos cursos de licenciaturas da Universidade Estadual da Região Tocantina (UEMASUL) do *campus* de Imperatriz? Para nos ajudar a encontrar respostas para a questão acima, os objetivos são: 1. Apresentar o cenário histórico da inserção da mulher no magistério, a partir da Revolução Industrial; 2. Analisar o índice de docentes, por gênero, nos cursos de licenciaturas da Universidade Estadual da Região Tocantina (UEMASUL) do *campus* de Imperatriz; 3. Levantar indícios sobre o motivo do percentual encontrado de docentes, por gênero, nos cursos de licenciaturas da Universidade Estadual da Região Tocantina (UEMASUL) do *campus* de Imperatriz.

Nesse sentido, a presente pesquisa é de abordagem qualitativa, que segundo Freitas (2002), consiste numa preocupação de compreender os eventos averiguados, descrevendo-os e procurando as suas plausíveis relações, unindo o individual com o social. Nesse tipo de abordagem o pesquisador depara-se com diferentes discursos “que *refletem e retratam* a realidade da qual fazem parte, construindo uma verdadeira tessitura da vida social, ajudando o pesquisador a ter essa dimensão da relação do singular com a totalidade, do individual com o social” (FREITAS, 2002, p. 29 destaque do original).

Desse modo, com a devida autorização da Instituição pesquisada, conforme o anexo A, realizamos um levantamento no quadro de docente efetivos e contratados dos cursos de licenciaturas da UEMASUL do *campus* de Imperatriz para analisarmos a inserção de professoras e professores que atuam nos respectivos cursos. Mas, por que nessa universidade? Porque, na região do sul e sudoeste do maranhão, ela é a que mais oferece cursos de licenciaturas.

Os cursos de licenciaturas (Física, Geografia, História, Letras, Matemática, Pedagogia e Química) da UEMASUL do *campus* de Imperatriz, ficam localizados no Centro de Ciências Humanas Sociais e Letras (CCHSL) e no Centro de Ciências Exatas, Naturais e Tecnológicas (CCENT). Os dados foram coletados em novembro de 2019 e novembro de 2022.

1 HISTÓRICO DA PROFISSÃO DOCENTE NO BRASIL A PARTIR DA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

Usamos a expressão *Revolução Industrial* para nos referirmos a todas as transformações no trabalho industrial, que se deram a partir dos meados do século XVIII. A mais extraordinária dessas alterações, advindas, em primeiro lugar na Grã-Bretanha, foi a invenção de máquinas que produziam muito mais que o trabalho manual (IGLÉSIAS, 1990, p. 55).

Segundo Iglésias (1990), podemos distinguir três períodos no processo de industrialização em escala mundial. O primeiro que abrange de 1760 a 1850, se restringe à Inglaterra, onde preponderou a produção de bens de consumo, especialmente têxteis, e a energia a vapor. O segundo vai de 1850 a 1900, período em que a revolução industrial se espalha pela Europa, América e Ásia. “Cresce a concorrência, a indústria de bens de produção se desenvolve, as ferrovias se expandem; surgem novas formas de energia, como a hidrelétrica e a derivada do petróleo” (Iglésias, 1990, p. 69). O terceiro período iniciou em 1900 e muitos estudiosos dizem que ainda não acabou, pois nele surgem conglomerados industriais e multinacionais. Todo o setor econômico e do cotidiano da população é afetado, direta ou indiretamente, inclusive a profissão docente.

Várias pessoas eram convocadas a trabalharem nas fábricas, aumentando, assim, a população das cidades, pois para atender os chamados, uma quantidade cada vez maior de pessoas abandonava o campo para trabalhar nas fábricas. Homens, mulheres e até mesmo crianças trabalhavam duramente nas novas fábricas. Isso também impactou na profissão docente, que até então era ocupada por homens.

Nesse capítulo discutiremos o impacto da revolução industrial para a recomposição da profissão docente no mundo de no Brasil e destacaremos a intensidade que as questões de gênero tiveram e ainda possuem para a profissão docente brasileira.

1.1 O impacto da revolução industrial para a profissão docente

Antes da Revolução Industrial a docência era exercida por padres que dominavam toda a Europa. Tudo era feito sobre as benções da igreja e sem intencionalidade para formação de um corpo de profissionais.

A função docente desenvolveu-se de forma subsidiária e não especializada, constituindo uma ocupação secundária de religiosos ou leigos das mais diversas origens. A gênese da profissão de professor tem lugar no seio de algumas congregações religiosas, que se transformaram em verdadeiras *congregações docentes*. Ao longo dos séculos XVII e XVIII, os jesuítas e os oratorianos, por exemplo, foram progressivamente configurando um *corpo de saberes e de técnicas* e um *conjunto de normas e de valores* específicos da profissão docente (NÓVOA 1995, p.15-16).

Com o passar dos tempos, o Estado passou a organizar a formação dos docentes, o professor precisava ter acima de 30 anos e ter comportamento moral, desta forma, o professor realizava um exame que conquistaria sua licença para exercer a docência.

A criação desta licença (ou autorização) foi um momento decisivo no processo de profissionalização da atividade docente, uma vez que facilitou a definição de um perfil de competências técnicas, que serviu de base ao recrutamento de professores e ao delinear de uma carreira docente. Este documento funcionou, também, como uma espécie de „aval" do Estado aos grupos docentes, que adquiriram por esta via uma legitimação oficial da sua atividade. **As dinâmicas de afirmação profissional e de reconhecimento social dos professores apoiaram-se fortemente na consistência deste título**, que ilustra o apoio do Estado ao desenvolvimento da profissão docente (e viceversa). (NÓVOA, 1999, p. 17 grifo nosso)

Os professores, que eram apenas os homens, passaram então, a ser vistos como agentes de mobilidade social, uma vez que capacitavam seus estudantes nas competências e habilidades indispensáveis à continuidade de estudos em níveis superiores ou mesmo para exercerem alguma profissão que fosse mais técnica.

Portanto, à medida que a sociedade se modernizava e se reestruturava, a profissão docente também se ressignificava, firmando-se como uma profissão da mais alta relevância social. Os professores passaram a ter uma dedicação cada vez mais exclusiva à docência e, gradativamente, o trabalho docente passou a se diferenciar pelo seu conjunto de práticas específicas, com seus

instrumentos, métodos e técnicas, tornando-se assunto de especialistas, que necessitavam dispor de mais tempo e energia para o seu exercício. (REIS, 2011, p. 31 e 32)

Tudo isso fazia com que os professores pudessem reivindicar melhores e maiores ordenados, logo porque, além do exposto acima, eles eram os patriarcas de um lar e deveriam custear todos os gastos de sua família. Era desonroso um homem não conseguir sustentar sua esposa e filhos, naquela época.

Como a Revolução Industrial foi um conglomerado de mudanças que aconteceram na Europa nos séculos XVIII e XIX impactando intensamente na substituição do trabalho artesanal pelo assalariado e com o uso das máquinas, isso alterou a formação e atuação de professores homens e sua permanência na profissão, segundo Chamon (2005).

Em toda a Europa, de acordo com Apple (1988, apud CHAMON, 2005, p. 49) “o magistério tornou-se feminino, em parte, porque os homens o abandonaram”. Em ritmo acelerado o homem foi deixando o magistério, e é um equívoco pensar que as mulheres pudessem exercer a profissão de forma igualitária, com os mesmos prestígios e respeitos que os homens tinham.

Com o capitalismo industrial iniciado no séc. XVIII altera-se radicalmente o perfil das famílias. Aumenta-se cada vez a necessidade de mão-de-obra para o mercado de trabalho. Refaz-se a hierarquia das profissões, agregando-se valor naquelas mais condizentes com as novas exigências do mundo industrializado. Nesse contexto, o magistério sofre abalos significativos. Deixa de ter o prestígio de outrora e, de forma visível, vai mudando paulatinamente, de sexo. As mulheres vão substituindo os homens na “nobre” missão de educar. Não é, entretanto, uma mudança puramente biológica. Ela se inscreve no campo do simbólico. Na realidade o que muda é o gênero do magistério e não o sexo, de uma ação eminentemente masculina para uma atividade feminina (CHAMON, 2005, p. 11, grifos do original).

Para a maior parte dos homens a permanência no magistério nas escolas das primeiras letras, não era tão conveniente, por conta dos baixos salários existentes, por esse motivo, alguns exerciam o magistério como segunda opção, pois praticavam outras atividades no comércio, nas fábricas ou no campo. Esses baixos salários ofertados exaltavam a ideia de fracasso

profissional, enfatizando ao homem desprestígio e, ao mesmo tempo incentivando-o ao abandono da profissão, deixando espaço para o Estado ser obrigado a contratar mulheres. De acordo com Chamon (2005, p. 51)

As poucas mulheres vinculadas ao sistema de instrução pública, além de serem classificadas como professoras-leigas [...], sofriam um rebaixamento ainda maior de seus vencimentos na remuneração paga pelo seu trabalho desqualificado.

Moura (2016, p. 494), também faz esse mesmo destaque:

à despeito das insuficientes condições de trabalho e de salários, que têm sua origem no descaso do Estado para com o ensino público. Isso foi cada vez mais afastando os professores da escola elementar e trazendo mulheres para ocupar os postos de docência deixados pelos homens; assim as mulheres passaram a ser convocadas pelo Estado a serem professoras.

Contudo, o processo de feminização do magistério não se deu de forma pacífica, a relação da mulher com a atividade docente suscitou muitas discussões. Era incoerente deixar o futuro da nação, as crianças, sob a educação das mulheres que eram consideradas intelectualmente despreparadas, era o que muitos pensavam. Por outro lado, havia os que afirmavam que as mulheres possuíam naturalmente o melhor jeito de cuidar das crianças, conseqüentemente nada melhor que as encarregarem pela educação escolar desses pequenos (CHAMON, 2005). Com isso os homens, que detinham melhores estudos e formação, poderiam assumir os recentes postos de trabalho nas indústrias, e assim, contribuir para o aclamado progresso do país em que as indústrias estavam situadas, e também voltarem a terem destaca social.

Em vista disso, outro discurso ramificado era que os lares não seriam afetados pela ausência feminina, pois sua admissão na docência não modificaria seu papel social, visto que era esperado por todos que a mulher cuidasse e educasse as crianças. Muitos absurdos eram propagados, como aponta Louro (2007, p. 450):

Se o destino primordial da mulher era a maternidade, bastaria pensar que o magistério representava, de certa forma, “a

extensão da maternidade”, cada aluno ou aluna vistos como um filho ou uma filha “espiritual”. O argumento parecia perfeito: a docência não subverteria a função feminina fundamental, ao contrário, poderia ampliá-la ou sublimá-la.

Desta maneira o magistério para as moças era visto como vocação, totalmente diferente para os homens, quando somente eles exerciam a docência. Neste cenário, o discurso vinculando o magistério à maternidade ganhava força, cada vez mais, foi utilizado para corroborar a evasão dos homens das salas de aulas e validar a entrada das mulheres nas escolas. Com essa validação, características atribuídas às mulheres, tornaram-se pré-requisitos para o exercício da docência, como paciência e afetividade. “Características que, por sua vez, vão se articular à tradição religiosa da atividade docente, reforçando a ideia de que a docência deve ser percebida mais como sacerdócio do que como uma profissão” (LOURO, 2007, p. 450).

A partir das intensas transformações econômicas, sociais, culturais e políticas com que o mundo passou, e com o aumento da urbanização, o magistério dentro das escolas primárias começa a tornar-se cada vez mais uma ocupação feminina. Com isso, muitos insistem em afirmar que as mulheres possuem uma predisposição para a carreira de magistério, pois passam a ser vistas como alguém que tem mais habilidade para lidar com crianças:

A associação da atividade de magistério a um “dom” ou a uma “vocação” feminina baseia-se em explicações que relacionam o fato de a mulher gerar em seu ventre um bebê com a “consequente função materna” de cuidar de crianças; função esta que seria ligada à feminilidade, à tarefa de educar e socializar os indivíduos durante a infância. Dessa forma, a mulher deveria seguir seu “dom” ou “vocação” para a docência. (RABELO, 2013, p. 168)

Sobre a associação da atividade do magistério a um “dom” ou a uma “vocação” feminina, Moura (2016) afirma que é necessário desmistificá-la, pois ele, bem como outras carreiras, implica esforço pessoal e formação que permitam o domínio de aspectos teóricos, práticos e humanísticos ligados à aprendizagem. Por isso a docência não pode ser uma escolha por vocação, porque sendo vocação não necessita de formação.

Mas fica uma dúvida: será que as intensas transformações econômicas, sociais, culturais, políticas e o aumento da urbanização com que o mundo passou, como dissemos acima, também modificou o magistério dentro das universidades, tornando-o cada vez mais uma ocupação feminina?

1.2 Questões de gênero para a profissão docente brasileira

Mesmo com o respaldo de algumas leis direcionadas à educação, o governo brasileiro não demonstrava interesse em relação à escola, causando por sua vez, uma desorganização no sistema de instrução pública. Basta fazermos um retrospecto na história da educação brasileira que para entendermos a negligência em relação à questão da formação docente no Brasil.

Durante todo o período Colonial, desde a educação jesuítica e, depois, com a expulsão destes, a implantação do sistema de Aulas Régias pelas reformas pombalinas, até os cursos superiores criados com a vinda de D. João VI, em 1808, não havia uma preocupação explícita com a questão da formação docente. (REIS, 2011, p. 32)

Essa configuração desestruturada e dispersa do sistema de instrução pública dependia da benevolência do mestre-escola que recebia um baixo salário e teve sua titulação rebaixada, passando a ser chamados de professores leigos e recebendo baixos salários.

O sistema de ensino público e a relação de trabalho estabelecida por sua organização desqualificavam o mestre – professor leigo –, na medida em que desprezavam o seu saber, passando assim a desvalorizar o seu trabalho por meio de baixos salários pagos pelos serviços prestados. (CHAMON, 2005, p. 46)

No início do século XX, heranças da Revolução Industrial reconfigura o estilo de vida da população brasileira. As cidades que possuíam indústrias ficaram populosas, pois as pessoas mudavam-se do interior para às cidades grandes almejando melhoria de vida. Percebe-se uma demanda de trabalhadores braçais, na maioria das vezes, composto por homens que

estavam em busca de bons salários, já que, para Rabelo (2013), o homem é reconhecido como provedor da casa desde tempos remotos e que, deste modo, opta por disciplinas mais específicas, uma vez que, consiga salários mais altos.

As significativas mudanças socioeconômicas que ocorrem em âmbito mundial no século XIX e na primeira metade do século XX processo de urbanização e industrialização, implantação do regime republicano no Brasil, duas guerras mundiais, avanços tecnológicos provocaram modificações nas formas do ser humano se organizar socialmente. O avanço do sistema capitalista e as novas relações de trabalho estabelecidas bem como os novos postos de trabalhos criados exigiram uma reestruturação nas várias áreas sociais, principalmente, no campo educacional. Assim, em decorrência do crescente avanço industrial e tecnológico, o ensino precisou se tornar mais especializado e técnico para atender às novas demandas dos trabalhadores, que buscavam qualificação profissional. (REIS, 2011, p. 42)

A economia brasileira muda drasticamente e, se a atenção e interesse do governo nacional já era quase nenhum para o sistema educacional, naquele momento passa a ser pífia, pois assim como no resto do mundo, no Brasil os homens ocupam os cargos nas fábricas deixando muitas vagas nas escolas, as quais deveriam ser preenchidas. Desta forma, um país sem professores não conseguiria formar novos profissionais para os postos de trabalho que a Revolução Industrial poderia criar.

Em vista disto, aumenta ainda mais a evasão do homem do magistério, e impulsiona a inserção das mulheres na profissão docente, mesmo com *status* totalmente distintos dos homens que exerciam a docência. Ainda havia pouca ocupação das mulheres discentes nos bancos escolares. A elas só era permitido estudar até o final do primário, como nos lembra Almeida (1998, p. 37):

Nos primeiros anos do século XX, algumas conquistas femininas permitiam às mulheres freqüentar escolas, porém não as universidades; tinham a possibilidade de trabalhar no magistério, mesmo ganhando pouco, e possuíam um pouco mais de liberdade, embora severamente vigiada.

Para muitos pesquisadores como Almeida (1998) e Reis (2011), o exercício de uma atividade remunerada para as mulheres ricas e que tinham

estudos, mesmo direcionados para serem boas esposas e mães, diferentemente das mulheres pobres para as quais o trabalho fora de casa já era algo comum e necessário, foi algo inovador. “Além disso, ao exercer uma profissão, as mulheres, além de saírem da esfera doméstica, passaram a ter maior liberdade e autonomia em um mundo em que o homem era o dominante” (REIS, 2011, p. 47).

Mas isso só seria para as mulheres das camadas mais abastada da sociedade, pois era raro uma mulher pobre, no século XIX e primeiros anos do século XX, exercer a docência, haja vista nem terem como custear algum tipo de estudo primário, quanto mais formação em magistério. Agora, para as mulheres ricas,

Inserir-se no magistério primário significou para as mulheres sair de um lugar invisível, individual, para a visibilidade, o coletivo, o social. A partir de sua inserção na profissão docente, as mulheres, aos poucos, foram conquistando espaço, ingressaram na Universidade e, por conseguinte, passaram a ocupar novas profissões mais prestigiadas socialmente. Contudo, a desvalorização e a desigualdade no magistério e em outras profissões, mesmo com as mulheres ocupando os mesmos cargos que os homens, permanecem até os dias atuais. (REIS, 2011, p. 49)

Desse modo, podemos dizer que, quando sujeitos do gênero masculino foram desistindo a sala de aula dos cursos primários, e as escolas normais foram formando mais e mais mulheres, a profissão docente foi sendo feminina, mesmo sendo uma conquista de espaço para muitas mulheres, mas com baixos salários. Entretanto, como podemos ver em Oliveira (2016), a seleção, a produção e a transmissão de conhecimentos continuam numa ordem masculinizada.

No Brasil, a associação entre profissão docente e feminilidade tornou-se consistente com a consolidação do período denominado pelas ciências da educação de “feminização do magistério”, ocorrido a partir do século 19, quando sujeitos do sexo masculino foram “abandonando a sala de aula nos cursos primários, e as escolas normais [foram] formando mais e mais mulheres”. (Vianna, 2001, p. 85). Apesar de hoje a relação entre mulher e professorado se mostrar muito evidente, antes disso ocupavam o cargo da docência indivíduos do sexo masculino, os jesuítas, que eram tratados como “especialistas

da infância” e sabiam transmitir conhecimentos de forma dosada (Louro, 2011a). Esse modelo de profissional religioso e masculino foi preservado até o final do século 17 e cedeu lugar para o sexo feminino na relação entre docência e arte do cuidar (Hypólito, 1997), especialmente nas primeiras séries de ensino (Souza, 2006). No entanto, de acordo com Louro (2011a, 2011b), as questões envolvendo docência e gênero se mostram como categorias bem dinâmicas. Embora haja bastantes mulheres, o universo escolar e profissional docente é marcadamente masculino, constituindo-se de disciplinas previstas sob a ótica desse gênero hegemônico. A seleção, a produção e a transmissão de conhecimentos também se instituem numa ordem masculinizada (OLIVEIRA, 2016, p. 554).

Mas ainda ficamos na dúvida sobre a modificação do magistério dentro das universidades, tornando-o cada vez mais uma ocupação feminina ou não. E acrescentamos se houve ou se há mais mulheres na docência nos cursos de licenciaturas ou nos cursos de bacharelados?

No próximo capítulo apresentamos nossa pesquisa que discutimos o gênero na docência no ensino superior nos cursos de licenciaturas da Universidade Estadual da Região Tocantina (UEMASUL) do *campus* de Imperatriz.

2 A COMPOSIÇÃO DO QUADRO DE DOCENTES, POR GÊNERO, DOS CURSOS DE LICENCIATURA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA REGIÃO TOCANTINA (UEMASUL)

Nesse capítulo, apresentamos alguns aspectos históricos da UEMASUL, expondo o crescimento educacional que a referida Universidade proporcionou à Imperatriz, atendendo pessoas de vários municípios do sul do Maranhão, ofertando vários cursos de licenciaturas.

Serão apresentadas também, a análise dos dados da pesquisa sobre a composição do quadro de docentes, por gênero, dos cursos de licenciaturas da UEMASUL.

2.1 A Universidade Estadual da Região Tocantina (UEMASUL) e seus meandros

A UEMASUL é proveniente da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), a qual originou-se a partir da Federação das Escolas Superiores do Maranhão (FESM0), em 22 de agosto de 1972. Transformou-se na UEMA, no dia 30 de dezembro de 1981, com o Decreto Federal nº 94.143, no dia 25 de março de 1987. No início, possuía apenas três *campi* e algumas unidades de ensino: Estudos básicos; Estudos de Engenharia; Estudos de Administração; Estudos de Agronomia; Estudos de Medicina; Estudos de Educação de Caxias; e Estudos de Educação de Imperatriz. Assim afirmam Gonçalves Filho, Araújo e Carniello (2014, p. 9):

A FESM, inicialmente, foi constituída por quatro unidades de ensino superior: Escola de Administração, Escola de Engenharia, Escola de Agronomia e Faculdade de Caxias. Em 1975, a FESM incorporou a Escola de Medicina Veterinária de São Luís e, em 1979, a Faculdade de Educação de Imperatriz, implantando cursos principalmente de licenciatura, para atender uma demanda da região sul do Estado. E em 1981, a partir dessa Federação, é criada a Universidade Estadual do Maranhão.

Na década de 1980, no período de transição da FESM para UEMA, iniciou-se o movimento de “Autonomia e Luta”, formado por professores e

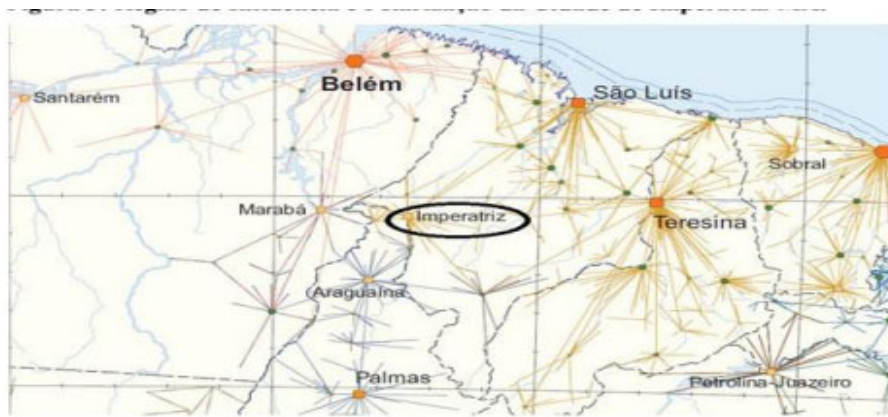
alunos que possuíam objetivo da descentralização e democratização do ensino superior em nosso estado.

Na cidade de Imperatriz foi criado o Centro de Estudos Superiores de Imperatriz em 1994, sendo este mais do que uma extensão da UEMA, mas um centro universitário com cursos, diretores, chefes de departamentos e toda a estrutura acadêmica para funcionar, só não tinha autonomia financeira. Mas antes da década de 1990 já existia a semente plantada do ensino superior em Imperatriz, como apontam Gonçalves Filho, Araújo e Carniello (2014, p. 9):

A historiadora Barros (1996), relata que foi criada em 1973 a Fundação de Ensino Superior de Imperatriz, por meio da lei municipal nº 10, aprovada em Conselho Estadual um ano depois, cuja lei autorizava esta Fundação a ofertar cursos de licenciatura curta, tornando-se, desta forma, a primeira IES na cidade e região. Em 1979 é incorporada pela Federação das Escolas Superiores do Maranhão, passando a ser denominada de Unidade de Estudos Superiores de Imperatriz – UEEI. E em 1994, com mais autonomia é constituído Centro de Estudos Superiores de Imperatriz- UEMACESI.

As demandas pela estruturação e expansão do ensino superior em Imperatriz se dar, também, porque a cidade possui uma posição considerada estratégica, devido sua localização geográfica, “sendo cortada pela Belém-Brasília, equidistante de quatro capitais (Belém – PA 600 km; São Luís – MA 600 km; Teresina – PI 700 km; Palmas – TO 700 km)” (GONÇALVES FILHO; ARAÚJO; CARNIELLO, 2014, p. 9). Pelo seu posicionamento geográfico, Imperatriz atinge uma influência direta no raio de 300 km em toda sua circunferência, o que pode ser observado pelo mapa a seguir:

Figura 1: Região de influência da cidade de Imperatriz



Fonte: Gonçalves Filho, Araújo e Carniello (2014, p. 6)

A equidistância que a cidade possui para São Luís/MA, Teresina/PI, Palmas/TO e Belém/PA, e outras cidade menores, foi abrindo um espaço para um desempenho econômica, catalisando uma formação de cidade polo. Com isso, em meados da década de 1990, o setor educacional é o que mais cresce, projetando a cidade de Imperatriz como polo educacional de ensino superior. Este novo rumo que Imperatriz percorre, enfatiza sua identidade socioeconômica.

Com o crescimento da cidade aspirava-se o desejo de ter uma Universidade autônoma e Sálvio Dino propôs a criação da Universidade de Imperatriz, porém sua proposta foi recusada. Passaram-se anos e com engajamento de alguns políticos, no dia 1 de novembro de 2016 sob decreto de nº 10.525, assinado pelo governador Flávio Dino, criou-se a UEMASUL.

#

Uma proposta de lei chegou a ser elaborada pelo então deputado estadual Sálvio Dino, que propunha a criação da Universidade de Imperatriz, mas que na época não foi aprovada. Foram necessários muitos anos de lutas, mobilizações e, literalmente, outra geração de políticos, para que o sonho se tornasse realidade. No dia 1 de novembro de 2016, após um acirrado debate na Assembleia Legislativa liderada pelo deputado Marco Aurélio, o governador Flávio Dino assinava em Imperatriz, no Centro de Ensino Superior de Imperatriz (CESI/UEMA), a lei nº 10.525 que criou a Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão. (UEMASUL, 2022, s/p.)

Após o decreto, a UEMASUL começou a atuar independente, tendo uma reitora temporária e seu período de transição demorou quase um ano, sendo finalizado com a nomeação da primeira Reitora eleita pela comunidade acadêmica, como podemos visualizar no *site* da instituição:

#

Instituída nos antigos Centros de Ensino Superiores de Imperatriz e de Açailândia, a UEMASUL assumiu a missão de promover o desenvolvimento regional englobando 22 municípios, garantindo um ensino público, gratuito e de qualidade, colaborando com a modernização da gestão pública e uma presença do estado do Maranhão mais significativa no continente. Nos últimos dias de 2016, o governador Flávio Dino anunciou a Prof. Dra. Elizabeth Nunes Fernandes como

reitora *pro tempore* e no dia 1º de Janeiro de 2017, a UEMASUL passou a existir. (UEMASUL, 2022, s/p)

Atualmente a UEMASUL possui campus em Imperatriz, Açailândia e Estreito. Em Imperatriz há o Centro de Ciências Exatas, Naturais e Tecnológicas (CCENT), o Centro de Ciências Humanas, Sociais e Letras (CCHSL) e o Centro de Ciências da Saúde (CCS). Nos dois primeiros Centros há os nove cursos presenciais de licenciaturas, que são: Ciências Biológicas, Física, Matemática, Química, Geografia, História, Letras: Língua Portuguesa/Literaturas de Língua Portuguesa, Letra: Língua Inglesa e Literaturas, e Pedagogia. Esses cursos formam muitos profissionais que atuam na cidade de Imperatriz e em vários municípios da Região Tocantina¹.

A UEMASUL criou em 2018 o Programa Caminhos do Sertão, possibilitando a formação de professores nos cursos de Letras Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, Pedagogia, Ciências Biológicas, Geografia e Matemática, ofertando 800 vagas, como pode ser visualizado no *site* da instituição:

#

Criado em 2018, o Programa de Formação de Professores Caminhos do Sertão é uma iniciativa da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão e acontece em parceria com as prefeituras municipais das quatro cidades onde o programa está implantado (Amarante, Itinga, Porto Franco e Vila Nova dos Martírios), escolhidas estrategicamente para atender as regionais de formação de professores que já atuam na área, além de alunos egressos do ensino médio nesses municípios. (UEMASUL, 2022, s/p)

Desta forma a UEMASUL contribui fortemente com a formação de professores bem qualificados para atuarem nas escolas da cidade de várias cidades do estado do Maranhão e onde mais eles assumirem a docência.

¹ Para muitos moradores de Imperatriz, a Região Tocantina ocupa uma extensão territorial de mais de 20 municípios, mas, para Sousa (2005, p. 15), “não há recortes ou limites precisos para sua definição. Sabe-se que ela integra o extremo Norte do Estado do Tocantins; o Sul/Sudeste do Pará e o Centro-Sul do Estado do Maranhão [...]”. E o “rio Tocantins, nesse sentido, é compreendido como um dos principais elementos no processo de definição desta região [...]” (SOUSA, 2005, p. 15).

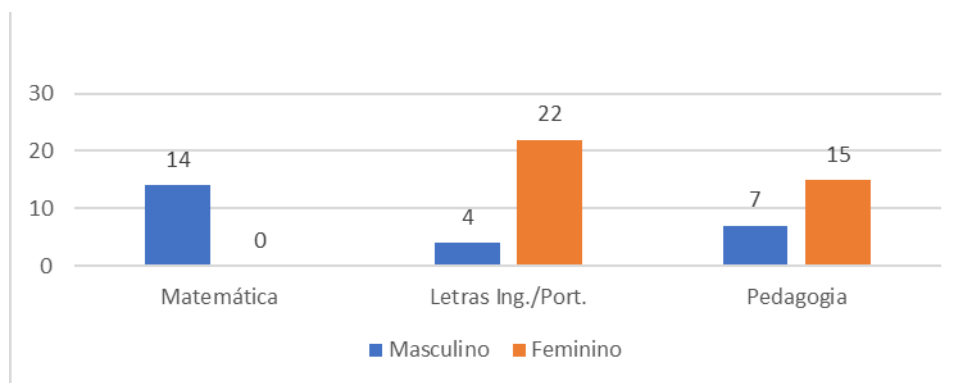
De acordo com o *site* da UEMASUL, no segundo semestre do ano de 2022, foram formados mais de 189 profissionais, no campus de Imperatriz e Açailândia.

2. 2 Gênero e docência: a composição do quadro de docentes dos cursos de licenciaturas da UEMASUL

A inserção da mulher no ensino superior foi tardia, o campo científico foi moldado a partir de uma visão androcêntrica, determinando a divisão entre as profissões feministas e machistas. “A socialização diferenciada produziu além de uma formação sexista, que deveria ser inculcada aos futuros homens e mulheres, exacerbou hierarquias e processos de dominação/subordinação”. (YANNOULA, 2013, p. 11). Será que com isso, poderíamos pensar que há predomínio masculino, em alguns cursos, no ensino superior, especificamente nos cursos de Ciências Exatas, enquanto os cursos de Ciências Humanas são de predomínio feminino, tanto na composição de discentes como de docentes?

Pensando no contexto dos cursos da UEMASUL *campus* de Imperatriz, buscamos no quadro de docentes efetivos e contratados a quantidade por gênero. Para tanto, selecionamos de início em 2019 os cursos de Matemática, Letras e Pedagogia, entendendo que o primeiro tem sido considerado, pelo senso comum, um curso feito por homens e para homens, como se as mulheres não pudessem frequentá-lo, pois é um curso que exige aquilo que as mulheres não teriam capacidade de ter, tampouco de desenvolver raciocínio lógico. Os dois últimos cursos são costumeiramente descritos como cursos de professoras e para mulheres, visto que são cursos que não exigem muito do pensamento lógico do ser humano.

Gráfico1 – Docentes do ensino superior dos cursos de Matemática, Letras e Pedagogia, segundo gênero. UEMASUL/2019



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

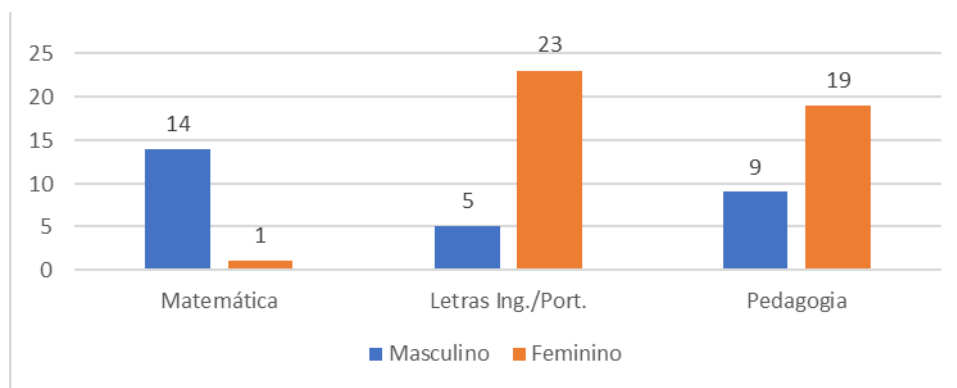
O Gráfico 1 deixa claro que o quadro de docentes do curso de Matemática era composto apenas por homens em 2019. A falta de professoras no curso se configura pela consequência da construção histórica e cultural imposta sobre o modo de comportamento das mulheres e dos homens? Será mesmo que nenhuma professora foi formada em matemática para atuar no curso ou as que um dia foram formadas não seguiram a carreira academia e, assim, poderiam assumir a docência no ensino superior via concurso público ou contratação temporária?

Visualizando outros lugares temos o Instituto de Matemática e Estatística da Universidade de São Paulo, que no *site*, em novembro de 2022, o (IME, 2022) mostra que o quadro de docentes é composto por 65 homens e 26 mulheres. O mesmo fato incide, também, no Departamento de Estatística da Universidade Federal da Paraíba, no qual o quadro de professores é composto pela maioria de homens: 15 homens e 10 mulheres.

Contudo entendemos, assim como Lerner (1990, p. 323), que “[...] criar um pensamento abstrato, [...] não depende do sexo; a capacidade de pensar é inerente a humanidade: pode-se alimentá-la [...], mas não se pode reprimi-la”. Por isso, a mulher não pode ser vista intelectualmente inferior ao homem, pois a trajetória da construção da relação de gênero precisa se desenvolver do social para o biológico.

Outro dado que a pesquisa revela consta no Gráfico 2 de 2022.

Gráfico2 – Docentes do ensino superior dos cursos de Matemática, Letras e Pedagogia, segundo gênero. UEMASUL/2022



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Nele mostramos uma leve mudança no quadro de professores do curso de Matemática em 2022, pois há uma professora no curso que até então era exclusivo de docentes homens. Nos demais cursos (Letras e Pedagogia), percebemos que houve um modesto aumento no número de professores homens, contudo a predominância é de docentes do gênero feminino. O pouco número de professores nos cursos de Letras e Pedagogia se configura pela consequência da construção histórica e cultural imposta sobre o modo de comportamento das mulheres e dos homens? Será mesmo que nenhum professor foi formado em letras e pedagogia para atuar no curso ou os que um dia foram formados não seguiram a carreira academia e, assim, poderiam assumir o magistério no ensino superior via concurso público ou contratação temporária?

Tudo isso seria consequência equivocada de que o curso de Pedagogia é para formar somente mulheres, e ainda que só podem atuar na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, e isso afastaria os homens do curso, tanto para serem estudantes como para serem docentes? Ou está em voga a ideia da promoção, de assumir cargos de chefia? No entendimento de Rabelo e Martins (2010, p. 6172):

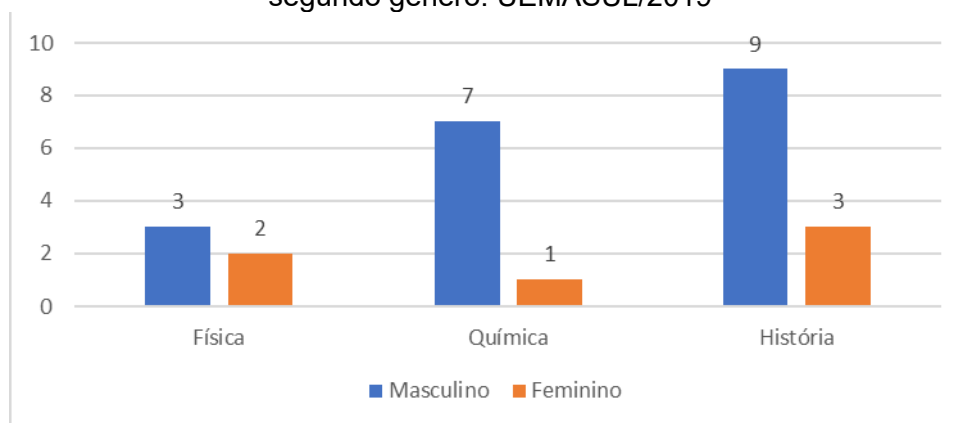
Os homens que se dedicavam à educação, no decorrer do século XX, apresentavam facilidades de promoção na carreira do magistério e no sistema educacional em geral. Já as mulheres tinham uma ascensão profissional muito difícil, o que as fazia continuar na carreira de professora primária por longo tempo.

E no curso de Letras, porque são poucos os homens docentes? Seria verídico o preconceito quanto aos homens que cursam letras, criando uma deslegitimação aos homens no curso? Na pesquisa de Oliveira (2016) com estudantes do gênero masculino no curso de Letras, notamos que a pesquisadora chega a uma das muitas conclusões:

o fato de um indivíduo do sexo masculino cursar Letras parece deslegitimar as subjetividades do seu próprio corpo. Os significados sociais via linguagem que circula dentro e fora do meio universitário parecem conferir ao sexo o poder de escolha de um curso superior e, sobretudo, trazer a condição dos traços performativos de gênero, sexo e profissão para dentro de uma normalização naturalizada de discursos hegemônicos que caracterizam os indivíduos em sociedade (OLIVEIRA, 2016, p. 558).

A ciência, como campo de conhecimento socialmente construído, traz consigo características de como a sociedade se organiza, uma vez que, a inserção da mulher no campo científico foi tardia, fazendo com que a ciência se referisse mais ao homem. O Gráfico 3, apresenta o quantitativo de docentes nos cursos de Química, Física e História referente ao ano de 2019.

Gráfico 3 – Docentes do ensino superior dos cursos de Física, Química e História segundo gênero. UEMASUL/2019



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

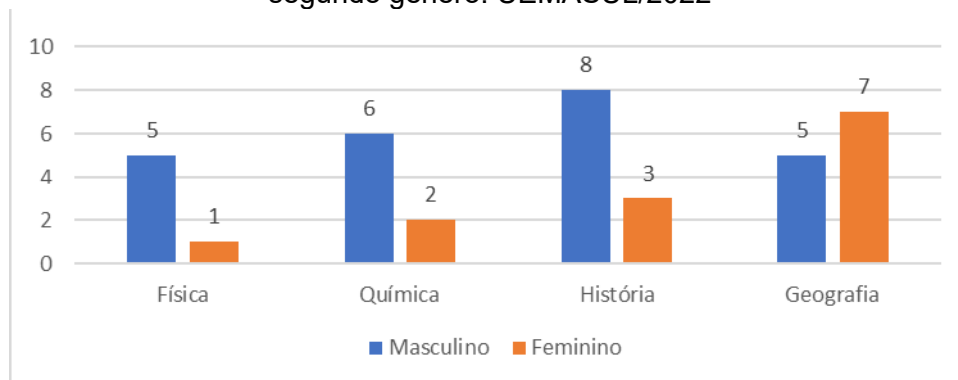
O gráfico evidencia que o curso de Física, talvez por ser novo na instituição, possui um equilíbrio quanto à sua composição docente por gênero, mas os cursos de Química e História, possuem em sua maioria docentes homens.

Entendemos que até o presente momento, os dados reforçam a ideia da mulher como ideal a função da docência para áreas que exigem menos esforços intelectuais, enfatizando representações sociais que foram introduzidas lentamente em nosso convívio, como discute Moura (2016, p. 507):

As representações que rondam o masculino e o feminino existem ao ponto de pressionar homens e mulheres a agirem em conformidade com a conduta considerada apropriada a ambos. Afeta às práticas escolares, pois coloca, querendo ou não, o homem e a mulher no formato de conduta adequado a cada sexo; por ter nascido com órgãos genitais masculinos deve ter atitudes socialmente aceitas para um homem e por ter nascido com órgãos genitais femininos deve ter condutas socialmente permitidas a uma mulher.

No gráfico 4, apresentamos o quantitativo docente dos cursos de Física, Química, História e Geografia, referente ao ano de 2022 e questionamos: Porque a mulher mais uma vez é minoria nos cursos de Física e Química?

Gráfico 4 – Docentes do ensino superior dos cursos de Física, Química e História segundo gênero. UEMASUL/2022



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

No Gráfico 3 consta que em 2019 havia duas professoras que formavam o quadro docente do curso de Física, mas agora, em 2022, gráfico 4, apenas uma professora ocupa este lugar; havendo um aumento no número de docentes homens no curso.

A novidade é o curso de Geografia que não consta no gráfico 3, mas agora no Gráfico 4 aparece. Nele temos certo equilíbrio no número de professores e professoras, sendo duas a mais para as docentes do gênero feminino.

O expressivo número de mulheres sobreposto aos homens traz a ideia da reprodução social natural dos lares, nos quais, meninos são vistos como objetivos e racionais, aptos a pensarem abstratamente; já as meninas são treinadas desde pequenas a não serem competitivas, tendo que, ser dóceis, saber servir e ter o hábito da leitura. Sendo assim, tanto as meninas quanto os meninos assumem papéis sociais impostos simbolicamente.

Os dados revelam que os cursos que possuem uma quantidade expressiva de professoras, são Letras e Pedagogia que se opõem a quantidade de professoras dos cursos de Ciências Exatas. Já a área de Ciências Humanas o único curso que a maioria de docentes não são mulheres é o curso de História.

CONCLUSÃO

Ao final desse TCC queremos lembrar que nossos objetivos eram: 1. Apresentar o cenário histórico da inserção da mulher no magistério, a partir da Revolução Industrial; 2. Analisar o índice de docentes, por gênero, nos cursos de licenciaturas da Universidade Estadual da Região Tocantina (UEMASUL) do *campus* de Imperatriz; 3. Levantar indícios sobre o motivo do percentual encontrado de docentes, por gênero, nos cursos de licenciaturas da Universidade Estadual da Região Tocantina (UEMASUL) do *campus* de Imperatriz.

Para o primeiro objetivo, a Revolução Industrial impactou fortemente na substituição do trabalho artesanal pelo assalariado e com o uso das máquinas, alterando a formação e atuação de docentes homens e sua permanência na profissão. Houve o aumento da evasão do homem do magistério, impulsionando a inserção das mulheres na profissão docente, mesmo com *status* completamente diferente dos homens que exerciam a docência. A docência foi ficando ainda mais desvalorizada.

Em relação ao segundo objetivo, podemos dizer que, pela análise comparativa realizada nos cursos que possuem uma quantidade expressiva de docentes do gênero feminino é Letras e Pedagogia, já os cursos Física, Matemática e Química possuem o maior índice de docentes homens. Na área de Ciências Humanas o único curso que a maioria de docentes não são mulheres é História.

Em relação ao terceiro objetivo, os indícios sobre o motivo do percentual encontrado de docentes, por gênero, nos cursos de licenciaturas da Universidade Estadual da Região Tocantina (UEMASUL) do *campus* de Imperatriz, giram em torno do histórico preconceito de que cursos das Ciências Exatas são próprios para os homens, pois são racionais, ágeis, habilidosos com o raciocínio lógico e conseguem ser imparciais; já cursos das Ciências Humanas são próprios para as mulheres, tanto estudarem como atuarem, porque não necessitariam daquelas habilidades descritas acima, já que as mulheres não possuem. Ou seja, um tamanho preconceito e falta de conhecimento.

Por fim, é preciso dizer que essa pesquisa foi exploratória, por isso há muitos mais a saber sobre o motivo do percentual encontrado de docentes, por gênero, nos cursos de licenciaturas da Universidade Estadual da Região Tocantina (UEMASUL) do *campus* de Imperatriz, e também de outras universidades brasileiras. Como pesquisa exploratória ela levantou indícios, que podem ajudar outros investigadores a aprofundarem a temática.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: UNESP, 1998.

<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/up000028.pdf>

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo da Educação Superior 2021**: notas estatísticas. Brasília: Inep, 2022.

CHAMON, Magda. **Trajetória da feminização do magistério**: ambiguidades e conflitos. Belo Horizonte: Autêntica/ FHC-FUMEC, 2005.

CRUZ, Priscila; MONTEIRO, Luciano. **Anuário Brasileiro da Educação Básica 2014**. São Paulo: Editora Moderna, 2014.

CRUZ, Priscila; MONTEIRO, Luciano. **Anuário Brasileiro da Educação Básica 2017**. São Paulo: Editora Moderna, 2017.

CRUZ, Priscila; MONTEIRO, Luciano. **Anuário Brasileiro da Educação Básica 2019**. São Paulo: Editora Moderna, 2019.

GONDRA, José Gonçalves; SCHUELER, Alessandra. **Educação, poder e sociedade no império brasileiro**. São Paulo: Cortez, 2008.

GONÇALVES FILHO, Francisco Alberto; ARAÚJO, Elvira Aparecida Simões de; CARNIELLO, Monica Franchi. A educação superior em Imperatriz: em busca da formação de um polo regional de ensino superior. **III CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E DESENVOLVIMENTO**. Ciência e Tecnologia para o Desenvolvimento Social. 20 a 22 de outubro de 2014.

http://www.unitau.br/files/arquivos/category_154/MPH1496_1427395257.pdf

IGLÉSIAS, Francisco. **Revolução Industrial**. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

IME. **Docentes – Departamento de Matemática**. www.ime.usp.br, 2022. Disponível em: <https://www.ime.usp.br/mat/docentes/>. Acesso em: 11/01/2023.

LERNER, Gerda. **La creación del patriarcado**. Barcelona. Ed. Crítica. 1990.

MOURA, Jónata Ferreira. A feminização da docência na educação infantil da rede municipal de ensino de Imperatriz: uma discussão panorâmica. **InterEspaço**, Grajaú, MA, v. 2, n. 5, p. 490-513, jan./abr. 2016. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/interespaco/article/view/5296>.

NÓVOA, António. **Profissão Professor**. Porto: Porto Editora, 1995.

OLIVEIRA, Helvio Frank Oliveira. Indivíduos do sexo masculino no curso de letras: performances discursivas, gênero e profissão docente. **Rev. bras. Estud. pedagog.** (*on-line*), Brasília, v. 97, n. 247, p. 552-569, set/dez. 2016.

RABELO, Amanda Oliveira; MARTINS, António Maria. A mulher no magistério brasileiro: um histórico sobre a feminização do magistério. **Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação**. Aveiro, 2010. Disponível em: <http://www2.faced.ufu.br/columbe06/anais/arquivos/556AmandaO.Rabelo.pdf> Acesso em: 03/06/2017.

RABELO, Amanda Oliveira. **Minoria, professores homens de educação básica ganham mais**. Disponível em: <http://www.terra.com.br>. Acesso em: 10/06/2017.

REIS, Greissy Leoncio. **O Gênero e a docência**: uma análise de questões de gênero na formação de professores do Instituto de Educação Euclides Dantas. 2011. 194 f. Dissertação (mestrado)—Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2011.

SOUSA, Jailson de Macedo. **A cidade na região e a região na cidade**: a dinâmica de Imperatriz (MA) e suas implicações na região Tocantina. 2005. 222 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Estudos Sócio-Ambientais da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2005.

UEMASUL. **A História da UEMASUL**. uemasul.edu.br, 2022. Disponível em: <https://www.uemasul.edu.br/portal/institucional/a-uemasul/>. Acesso em: 11/01/2023.

YANNOULAS, Silvia Cristina (Org.). **Trabalhadoras**: análise da feminização das profissões e ocupações. Brasília: Abaré, 2013.

ANEXO A

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, SAÚDE E TECNOLOGIA
CURSO DE PEDAGOGIA

TERMO DE SOLICITAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA

Eu Janne Newlle Araújo Garcia, acadêmica do curso de Pedagogia do CCSST/UFMA, solicito autorização para a realização de pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso que tem como tema **ÍNDICE DE DOCENTES, POR GÊNERO, NOS CURSOS DE LICENCIATURA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA REGIÃO TOCANTINA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA**, por meio do uso do nome da Instituição, com o objetivo de **Analisar o índice de docentes, por gênero, nos cursos de licenciaturas da Universidade Estadual da Região Tocantina (UEMASUL) do campus de Imperatriz.**

Nomes, imagens ou quaisquer outros dados **NÃO** serão divulgados com as identificações que possam causar qualquer dano à escola e a todos os envolvidos. Sendo resguardado o anonimato da instituição e dos envolvidos na pesquisa.

A responsável pela pesquisa é aluna do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão – UFMA Janne Newlle Araújo Garcia, orientado pelo professor Doutor Jônata Ferreira de Moura. E, em caso de dúvida, pode-se entrar em contato com a própria pesquisadora pelo número (99) 9 9227-9090 ou pelo email: newlle@live.com.


Prof. Dra. Lucilene Ferreira Lopes Gonçalves
Matricula 6698-2
Reitora - UEMASUL

Assinatura da reitora da UEMASUL


Assinatura do responsável pela pesquisa

Imperatriz, 16 de Janeiro de 2023